

**NÓS E A GENTE
VARIAÇÃO ESTÁVEL OU MUDANÇA LINGUÍSTICA?**

Elcانيا Silva Emidio Gruber (UEMS)
elcaniagruber@gmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)
natysierra2011@hotmail.com

Fabianna Emanuelle Archanjo dos Santos (UEMS)

RESUMO

A variação linguística é consequência de propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através de multiplicidade do discurso. Monteiro (2000, p. 63) Pode-se perceber uma grande intercalação diante do uso dos termos “nós” e “a gente” entre os falantes da língua portuguesa. Nesse sentido, em sua grande maioria o termo “a gente” é usado para designar a primeira pessoa do plural, porém, não em grande proporção esse termo é utilizado também para se reportar a primeira pessoa do singular. A variante de uma língua estará em constante modificações e até mesmo em oposição entre si, essa rivalidade ocorre quando o uso de uma forma padrão em contrapartida a não padrão, conservadora *versus* inovadora, de prestígio em contrapartida a estigmatizadas. Será que o que determina a utilização das variações são fatores sociais através da faixa etária, escolaridade e/ou gênero? Dessa maneira, nesse estudo visamos a identificação neste contexto que se refere ao emprego da expressão a gente em meio ao uso do pronome reto nós nas diversas situações da vida cotidiana. A expressão a gente, portanto, está completamente influenciada aos teores da língua viva. Sabe-se que são poucas as pesquisas que trate da variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural. Dentre eles, destaca-se alguns estudiosos tais como Bortoni-Ricardo (1985), Assis (1988), Rodrigues (1987), Camacho (1993), Zilles; Maya; Silva (2000) e Lucchesi; Baxter; Silva (2009), entre outros. Para a substituição do pronome “nós” pela expressão pronominal “a gente”, atestada em algumas variedades do português brasileiro, destaca-se neste trabalho, entre outros mencionados ao decorrer do mesmo, Lopes (1999), Zilles (2004) e Furtado (s./d.). Propõe-se, nesta pesquisa, analisar a ocorrência das formas “nós” e “a gente” no vocabulário do português brasileiro, observando principalmente se é uma variação estável ou uma mudança linguística.

Palavras-chave: Variação. Mudança. A gente. Sociolinguística.

1. Introdução

A variação linguística é consequência de propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através de multiplicidade do discurso. (MONTEIRO, 2000, p. 63)

Pode-se perceber uma grande intercalação diante do uso dos termos “nós” e “a gente” entre os falantes da língua portuguesa. Nesse sentido, em sua grande maioria o termo “a gente” é usado para designar a

primeira pessoa do plural, porém, não em grande proporção esse termo é utilizado também para se reportar a primeira pessoa do singular. Há casos em que podemos observar no discurso o uso do termo “gente” acompanhado do verbo conjugado na terceira pessoa do plural.

A variante de uma língua estará em constante modificações e até mesmo em oposição entre si, essa rivalidade ocorre quando o uso de uma forma padrão em contrapartida a não padrão, conservadora versus inovadora, de prestígio em contrapartida a estigmatizadas.

Será que o que determina a utilização das variações são fatores sociais através da faixa etária, escolaridade e/ou gênero?

Dessa maneira, nesse estudo visamos a identificação neste contexto que se refere ao emprego da expressão a gente em meio ao uso do pronome reto nós nas diversas situações da vida cotidiana. Tamanho conflito que aos poucos vem sendo pesquisado com a finalidade de compreender o fenômeno mediante a linguagem.

Sua dimensão pode-se afirmar que de fato ultrapassou obstáculos e desafiou os limites do que se costuma ser habitual para a gramaticalidade, uma vez que, nem sempre esses fenômenos são barrados ou percebidos de maneira precízica pelos estudiosos.

A expressão a gente, portanto, está completamente influenciada aos teores da língua viva. Nesse sentido, a realidade do sistema pronominal do português brasileiro tem sido alvo de estudo por diversos ramos da educação, principalmente da sociolinguística. Com a intenção de reorganizar o sistema pronominal do português brasileiro, já existe um número significativo de estudos concluídos por pesquisadores, com base em dados da língua – falada e escrita – nas diferentes regiões do Brasil.

Sabe-se que são poucas as pesquisas que trate da variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural. Dentre eles, destaca-se alguns estudiosos tais como Bortoni-Ricardo (1985), Assis (1988), Rodrigues (1987), Camacho (1993), Zilles; Maya; Silva (2000) e Lucchesi; Baxter; Silva (2009), entre outros. Para a substituição do pronome “nós” pela expressão pronominal “a gente”, atestada em algumas variedades do português brasileiro, destaca-se neste trabalho, entre outros mencionados ao decorrer do mesmo, Lopes (1999), Zilles (2004) e Furtado (s./d.). Com base nos trabalhos dos autores aqui mencionados, propõem-se, nesta pesquisa, analisar a ocorrência das formas “nós” e “a gente” no vocabulário do português brasileiro, observando principalmente se é uma va-

riação estável ou uma mudança linguística.

2. Objeto de estudo

Para realização desta pesquisa, foram entrevistados 12 informantes, estudantes e trabalhadores do sexo masculino e feminino entre as faixas etárias de 18 a 50 anos. Entrevistas essas gravadas em áudio, no mês de junho de 2015, sendo todos residentes em Campo Grande – MS.

As perguntas e modelo de transcrição dos dados linguísticos foram embasadas no Projeto NURC. Após as entrevistas foi realizada a transcrição do conteúdo gravado no aparelho celular e posteriormente a transposição do uso dos termos “nós” e “a gente” encontrados nas falas dos informantes que foram disponibilizados em tabelas.

Segundo Tarallo (1999, p. 21), o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação da coleta de dados. É fato que a sociolinguística tem sido uma área de vasta investigação em suas diversidades e neste contexto, as falas dizem respeito a problemas sociais e também relatos de vida dos entrevistados.

Assim, como parte do processo de análise, a investigação se dirige apenas nas ocorrências das formas “nós” e “a gente”, como sujeito, seguido de verbo flexionado na 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, não levando em consideração as demais formas em que essas variantes se apresentam no português brasileiro.

2.1. Breve relato de algumas pesquisas

Pôde-se observar que quanto a alternância entre a utilização do pronome de 1ª pessoa, “nós” e da expressão “a gente”, apresentam muitos trabalhos sociolinguístico, mas apenas no âmbito científico. Omena (1986, 2003), foi um dos primeiros a discutir essa questão.

De acordo com Leite, Guedes & Cardoso (2013),

Trata-se da pesquisa desenvolvida por referência nessa área de estudo, sobre a substituição de nós pelo a gente. Por meio da análise de um *corpus* do Projeto Censo/RJ – constata que o fenômeno de variação entre nós e a gente assinala uma mudança linguística. O resultado desse trabalho, tendo como informantes jovens apontam ao uso do *a gente*. No entanto, percebe-se que com o avanço da idade, os falantes submetem-se ao uso do *nós*, motivados, muitas

vezes, pela vida social mais formal. (LEITE, GUEDES & CARDOSO, 2013)

Nesse sentido, entende-se, portanto que na opção pelo “a gente”, ainda em concordância com Leite, Guedes & Cardoso (2013),

os fatores sociais e linguísticos como a escolaridade, sexo, mudança de referência, exposição à mídia, renda familiar, paralelismo formal, mudança de referência, saliência fônica, tempo verbal, grau de determinação do referente e tamanho do grupo.

Para Lopes (1993), essa mudança está ocorrendo de forma lenta, sendo ainda mais vagarosa com falantes com nível elevado de escolaridade e social. No estudo da autora, observa-se que a utilização do pronome e do termo, se alteravam conforme a faixa etária, intensidade da fala, sexo, concordância fônica do verbo e cidade de origem do entrevistado.

Já Callou & Lopes (2003) analisaram os dados de duas décadas de falantes cultos e não cultos percebendo a passagem de “nós” para “a gente” progressivamente. “Nos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* superava a forma *a gente*, já na década de 90, o uso era mais frequente da forma *a gente*”.

Machado (1995) se empenhou pesquisando nas comunidades pesqueiras do Norte Fluminense, verificando então que a ascendência de *a gente* sobre o *nós*, tem como contexto, fatores discursivos, semânticos e morfossintáticos.

Ainda no estudo das pesquisas, encontra-se Ferreira (2002) que salienta a alternância “nós” e “a gente” na língua escrita e falada. Ferreira, em sua análise, propõe identificar semelhanças e diferenças, através de entrevistas realizadas com pessoas com faixa etária de 5 a 46. Seus resultados apontam que, na linguagem oral, os entrevistados preferem a forma “a gente”, contudo, na língua escrita, o emprego que mais ocorre é a forma “nós”.

A autora ainda destaca em sua pesquisa o estágio em que se encontra o processamento da substituição linguística em cada uma das modalidades. “Na oralidade, a alternância *nós* e *a gente* constitui-se num processo de modificação avançada. Já na língua escrita, processa-se de forma estável, pelo fato de predominar o planejamento e o monitoramento linguístico no ato de escrever”. (FERREIRA, 2002)

Finalizando essa área de estudos, têm-se a proposta de Zilles (2005), onde faz-se duas abordagens metodológicas: “análise em tempo

aparente e análise em tempo real, subdivididas em: um estudo de tendências e um estudo de painel”. Nesse sentido, no estudo de tendência, existe a comparação de grupos distintos de falantes, e no estudo de painel, se observa o comportamento das mesmas pessoas em diferentes épocas, (tendo como *corpus* amostras do Projeto VARSUL referentes às décadas de 70 e 90).

Zilles (2005) ainda salienta que os fatores que motivam o emprego da forma “a gente” são: “a faixa etária e a concordância verbal”. Tendo visto que de acordo com a análise, conforme destaca Leite, Guedes & Cardoso (2013),

No que se refere à faixa etária, o comportamento dos informantes consiste numa estabilidade, os informantes mais jovens, a cada nova geração, tendem a ampliar o número do emprego da forma *a gente*. Entretanto, quanto à concordância verbal, constata-se que a opção pelo *a gente* se torna uma escolha mais sustentada, no sentido de evitar o equívoco, ou seja, o emprego errado da concordância e o estigma social vinculado a ela. (LEITE, GUEDES & CARDOSO, 2013)

Assim sendo, entende-se que mesmo com o uso frequente do *a gente*, principalmente na oralidade, essa mudança ainda não se constituiu completamente no Brasil.

2.2. A língua e a sociedade

É fato que a língua portuguesa desde a colonização do Brasil, pelos portugueses, apresenta aspectos de variação e mudança. Mudanças essas originadas pela introdução da linguagem indígena, do português de países africanos e tantos outros idiomas introduzidos nessa língua brasileira, como também pela falta de cultura da grande parte da população, distanciando cada vez mais dos padrões linguísticos tidos como ‘corretos’ estabelecidos pelas normas vindas da camada social dominante e pela nobreza. Diante disso, a linguagem tanto oral como escrita que fogem a tais normas são estigmatizados levando a preconceitos tanto linguísticos quanto sociais.

Conforme Leite, Guedes & Cardoso (2013),

De acordo com pesquisas no campo da sociolinguística, as variações da língua portuguesa passam por julgamentos de valores originados pelas divisões de classes sociais. Se o falante se insere em uma determinada classe social sua variante linguística vale o que valem os valores de prestígios destinados a tal classe. (LEITE, GUEDES & CARDOSO, 2013)

É importante ressaltar que no cotidiano das conversações brasileiras, as pessoas que dizem "nós fala" ou "a gente falamos" por vezes são discriminadas como um falante pertencente à classe social inferior ou mesmo como analfabeto ou semianalfabeto. Tendo visto que esta pesquisa tem por finalidade estudar o uso de *nós* e de *a gente*, faz-se necessário pensar como é vista tal variação.

Nos estudos realizados por Zilles (2007), a autora concluiu que:

O processo de encaixamento linguístico do *a gente* acelerou na segunda metade do século XX, por força, principalmente do incremento produzido pelo uso dos mais jovens. E, que, como a maioria dos falantes das amostras eram pessoas com instrução universitária, depreendeu-se da análise realizada que o uso de *a gente*, na fala, não é estigmatizado. Entretanto, essa conclusão, ainda que justificada pelo comportamento das pessoas, não corresponde completamente aos fatos. (ZILLES, 2007)

É nesse sentido que se percebe que a maioria dos falantes de "a gente" são pessoas com faixa etária considerada como jovens, conforme apontam todas as pesquisas já realizadas.

Bourdieu (1977, *apud* MOLICA & BRAGA, 2004) é mais específico ao referir-se às manifestações linguísticas nas palavras dizendo que as mesmas "recebem um valor denominado "mercado linguístico", aliado a renda, sexo, faixa etária e nível escolar do falante". Portanto, percebe-se que nas pesquisas sobre as variações do Português Brasileiro a simplificação das flexões verbais é recorrente na fala fazendo com que o julgamento de valor seja quase inexistente. Porém, sociologicamente falando, o falante que desacorda com a gramática como nos casos 'a gente fomo' ou mesmo 'a gente viemo', para o valor de "mercado linguístico" tende a se desvalorizar no sentido de um marcador social.

Por fim, conclui-se que a questão do julgamento social das variações linguísticas, tão frequentemente marcadas pelas classes sociais, demonstra um modelo de língua a ser seguido que se sustenta numa visão que pensa uma língua homogênea e que tudo que estiver alheio a ela é alvo de preconceito esquecendo-se do regionalismo e das culturas de outros países introduzidas na sociedade brasileira, no todo.

2.3. Fundamentação teórica

O uso constante do termo *a gente*, entre os falantes da língua portuguesa tendo por função a indicação da primeira pessoa do plural é constante, verificamos também que essa indicação sobressai como fun-

ção de indicar a primeira pessoa do singular e em alguns diálogos como sujeito, forma de prestígio dentro dos estudos da linguística no dia a dia.

Foram analisadas variáveis linguísticas e a variação existente no nível sintático, como é o caso da alternância no uso das formas *nós* e *a gente*. O uso da segunda forma citada ocorre com mais frequência “no falar do povo e ainda na fala familiar precedida de artigo e empregada como sujeito da oração”. (MACHADO FILHO, 1965, p. 130, *apud* SILVA BUENO, 2003, p. 14)

Ainda, segundo Labov, é ponto pacífico que as mulheres e os homens não falam da mesma maneira. Além das diferenças no ritmo e tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas. Ainda em relação à função sintática, Mollica (2004, p. 83) diz que a própria função que as variantes desempenham na oração pode influenciar a realização de uma variável. Assim, no uso de *nós* ou *a gente* para referência à primeira pessoa do plural, Omena (1986 e 1996, *apud* MOLLICA 2004, p. 84) mostra que a ocorrência da forma *a gente*, que vem desalojando a forma *nós*, é sensível à função sintática que ocupa na oração, ocorrendo de forma decrescente em termos percentuais nas funções sintáticas.

Diante disso, nos desperta a curiosidade em pesquisar se de fato houve uma mudança ou ocorre apenas uma variante de prestígio entre os mais jovens ou de mais idade ou, se isso ocorre de forma mais acentuada entre homens ou mulheres. Cabe ainda ressaltar que não descartamos a possibilidade de os indivíduos serem estudantes ou apenas trabalhadores. O significado desta palavra permite-nos refletir sobre alguns aspectos, tais como a escolaridade e com o meio em que vive; a gramática sobre a visão de regras; e as variações que por sua vez estão inseridas entre escolaridade região e regras gramaticais.

É comum que, se não falamos as regras estabelecidas pela gramática, saímos então do padrão considerado corretíssimo, e com isso, permitamos que os vícios linguísticos se apoderem deste meio.

Segundo Lopes (1999), estudos realizados sobre os pronomes “*nós*” e “*a gente*”, dentro da abordagem variacionista, mostram não se tratar somente de uma variação, mas de uma mudança. Assim, observam-se os diversos aspectos de uso desse fenômeno linguístico como, a alternância da forma do pronome de 1ª pessoa, “*nós*”, da expressão “*a gente*” e o ajuste dessa expressão no subsistema dos pronomes pessoais, tanto na função de sujeito, como na de complemento ou de adjunto.

Já Silva (1996), Lucchesi (1994,1996) e Bagno (2004) afirmam, depois de aprofundadas pesquisas, que o uso do “nós” e do “a gente” é bastante comum na fala do português brasileiro, apresentando-se muito mais como uma mudança do que uma variação estável.

2.4. "Nós" e "a gente" nas gramáticas

Sabe-se que a gramática normativa prescreve o uso da concordância verbal, porém, muitas pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que, nas variedades populares do português brasileiro, não é o que acontece, pois a concordância verbal se apresenta nos falares coloquiais e por vezes nos falares cultos. Assim, analisando o português popular, nota-se que a aplicação da concordância em 1ª pessoa do plural pode variar da seguinte maneira:

(a) Nós falamos/falamo/falemo (com desinência número-pessoal ou DNP-P4: -mos ou alomorfes: -mo ou -emo)

(b) Nós fala (sem desinência)

(c) A gente fala (sem desinência)

(d) A gente falamos/falamo/falemo (com DNP-P4: -mos ou alomorfes: -mo ou -emo)

É no sentido de que “a gente” não cabe no uso gramaticalmente correto da língua portuguesa que João de Barros, na *Grammatica da Lingua Portuguesa*, publicada em 1540, define o emprego dos pronomes em português: “As pessoas são três: *eu*, primeira, que fala de si mesmo, *tu*, a segunda, a qual fala à primeira, *ele*, da qual a primeira fala [...] dois números tem o pronome, singular e plural” (BARROS, 1540, p. 35). Entendendo-se, portanto, conforme Benveniste (1995), que “a forma ‘nós’ é proposta como plural do pronome de primeira pessoa do singular ‘eu’, ainda que não represente, como ocorre com segunda e terceira pessoas, um conjunto formado por vários ‘eus’, mas sim a indicação de *eu* mais outras pessoas”, conforme ressalta Bechara (2002), ou de um “eu-ampliado”, segundo Benveniste (1995).

Já Neves (2000, p. 470), explica que “a gente” pode ser empregado como pronome pessoal para referência à primeira pessoa do plural para referência genérica a todas as pessoas do discurso. Sendo que, conforme o autor,

No primeiro caso, a substituição da forma *nós* pelo sintagma *a gente* levaria à ocorrência de verbos em IPP. Como referência genérica, funciona como indeterminador do sujeito. Ainda que outros sintagmas nominais, como *o pessoal*, *o cara*, *o cidadão*, sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma *A GENTE* tem”. (NEVES, 2000, p. 470)

Assim, havendo concordância verbal, o emprego de “a gente” é correto mesmo que seja considerado uma variante linguística.

2.4.1. A concordância verbal com o pronome “nós”

Não foi encontrado nas gramáticas pesquisadas menções sobre o variacionismo da concordância verbal da primeira pessoa do plural na língua portuguesa. O que evidencialmente acontece desde a década de 1980. Como já foi mencionado anteriormente, este estudo é considerado científico e variacionista, tendo alguns pesquisadores realizado um trabalho complexo sobre esse tema. Assim, apresenta-se a seguir um breve relato de alguns desses trabalhos.

Têm-se conhecimento que na Região Sudeste, Rodrigues (1987) analisou, na década de 1980, amostras de 40 informantes adultos, de diferentes procedências, favelados da periferia de São Paulo, e obteve um percentual de 53% de aplicação de desinência de primeira pessoa do plural, contra 47% de aplicação de desinência de terceira pessoa do singular. (RUBIO, 2011, p. 1029-1044)

Já Na Região Sul, Zilles, Maya e Silva (2000), ao analisarem falantes com escolaridade fundamental e média em Panambi e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, obtiveram como resultado uma frequência geral de 87% de aplicação de desinência de primeira pessoa do plural (desinência /-mos/ e seu alomorfe /-mo/). (RUBIO, 2011, p. 1029-1044)

E, finalizando com a Região Nordeste, o estudo é realizado por Lucchesi, Baxter e Silva (2009), onde apresentam que para comunidade afro-brasileira isolada do estado da Bahia, houve um percentual de apenas 18% de frequência de pluralização verbal. Diferentemente da variação na Concordância Verbal de terceira pessoa do plural, para a primeira pessoa do plural, não se permite ainda propor um quadro comparativo de variação das principais variedades do português brasileiro, devido ao número ainda reduzido de trabalhos que contemplam o fenômeno. (*Idem*)

2.4.2. A concordância verbal com o pronome “a gente”

Quanto à concordância verbal, são estudos variados e complexos, porém serão apresentados aqui alguns autores com intuito de informação tal como Teyssier (1989, p. 243) que cita ao uso muito comum de “a gente” na linguagem familiar tanto no português europeu quanto no português brasileiro, normalmente em terceira pessoa do singular. Contudo, a forma pode aparecer com verbos em primeira pessoa do plural, sendo “sentido como incorreto” pelos próprios locutores. “Inúmeros trabalhos no português europeu dão conta não somente da coocorrência verificada entre os pronomes pessoais “nós” e “a gente”, mas também da relação do pronome “a gente” com o verbo que lhe segue” (LOPES, 1999; COSTA et al., 2001; PEREIRA, 2003; dentre outros).

No português brasileiro, no estado do Rio de Janeiro, Vianna (2006) observou, em seu estudo, três padrões de concordância verbal nas orações em que a forma “a gente” figurava como sujeito: são elas (*a gente está*) terceira pessoa do singular, (*a gente estamos*) primeira pessoa do plural e (*a gente estão*) terceira pessoa do plural.

Explicando melhor, Naro et al. (1999) resumem os fenômenos de alternância pronominal e de variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação 0. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão. (NARO; GÓRSKI & FERNANDES, 1999, p. 201).

Nesse sentido, entende-se, portanto que a gramática impõe regras, mas isso não quer dizer que elas sejam rigorosamente seguidas, pois se assim o for, sumirá a identidade do povo de cada região.

2.5. Uma abordagem discursiva

Os fenômenos universais têm sido muito amplos, podemos dizer que são organizados pela variação linguística, pressupondo a existência

de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. No entanto, aceitamos e entendemos que variantes as diversas formas alternativas configuram um fenômeno variável. A ascendente de uma determinada variante linguística coloca-nos como pesquisadores frente a algumas expectativas, pois podemos analisar alguns fatores essenciais como a diferenciação dos gêneros; o uso gradual de uma nova variante na língua, podendo, portanto, apontá-la como “mudança linguística”, bem como uma “diferenciação linguística etária” que pode ser notada a cada descendência.

Com relação ao uso dos pronomes “nós” e “a gente”, onde, o resultado dessa pesquisa prevê que a forma a gente aumentará gradualmente na fala de gerações sucessivas e poderá se espalhar por toda sociedade de fala. Percebemos que o fator linguístico, da expressão a gente se insere no contexto atual contribuindo como elemento inovador e modificador para surgimento de novas formas linguísticas de realização da língua. Assim, ao inserir o termo “a gente”, no quadro da comunicação do português brasileiro se torna uma forma um tanto invasora, vindo, portanto do nominal “gente”, onde assume determinados domínio, valores e funções, em que, como forma pronominalizada, passa a fazer parte de outra classe e ou categoria.

Para Tarallo (1999, p. 54), em primeiro lugar temos que constatar o vernáculo e observar a diferença e o desempenho dos falantes. A variante que usamos deve ser estigmatizada ou de prestígio. “Isto é, ao seu estudo, tal como concebido e elaborado até o momento, você estará acrescentando a terceira dimensão: a avaliação das variantes pelos informantes”.

A comunicação entre os indivíduos passou a ser alvo de investigação e, ao analisarmos a fala, enfatizando o ato de um indivíduo referir-se a outro no discurso de maneira precisa ou imprecisa, observaremos que na fala será utilizada as formas de pronomes no singular ou no plural, as quais, por diversas vezes, assumem uma significação dúbia semântica. Entre essas formas de pronomes incluem-se o pronome “nós” e sua variante “a gente”. As duas formas podem referir-se, tanto à primeira pessoa do plural como à primeira pessoa do singular, sendo que “nós” significando “eu”, é mais comum à escrita do que à fala. Interessa aqui, justamente, a análise do uso de “nós” e “a gente”, em situação de fala.

As tabelas abaixo apresentam os dados obtidos nas entrevistas:

Faixas etárias	Uso da expressão “Nós”	Uso da expressão “A gente”
Homens 18 a 30 anos – 3 entrevistados	21,74%	78,28%
Homens 31 a 50 anos – 3 entrevistados	34,78%	65,22%
Total: 6 homens		
Mulheres 18 a 30 anos – 3 entrevistadas	40%	60%
Mulheres 31 a 50 anos – 3 entrevistadas	45,45%	54,55%
Total: 6 mulheres		
Total de 12 entrevistados		

Tabela 01. Ocorrências dos pronomes nós e a gente entre homens e mulheres.

Pronome	Nº de dados faixa etária	
	Idade 18 a 30	Idade 31 a 50
Nós	10	19
A gente	20	11
Total	30	30

Tabela 02. Quantidade geral de ocorrências.

Os dados levantados acerca dos pronomes “nós” e “a gente” soma um total de 60 ocorrências, das quais 29 são casos de “nós” e 31 são casos de “a gente”. Portanto as ocorrências de “a gente” representam quase o dobro das ocorrências de “nós” pelos entrevistados de faixa etária menor.

Esse resultado confirma o que (OMENA, 1996), apontou para o uso cada vez mais frequente do pronome a gente em substituição ao uso de nós.

Neste estudo os informantes possuem escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental (antigo 1º grau), atual ensino médio e ensino superior. O resultado mostra que o fator grau de escolaridade e de faixa etária tem revelado ser condicionador de uso de uma ou de outra variante, com propensão à utilização de “a gente” por informantes de menor escolaridade e, preferência pelo uso de “nós” pelos informantes mais escolarizados ou uma faixa etária mais elevada.

Nos dados de informantes portadores de maior escolaridade, embora se encontre uma frequência representativa do pronome “a gente”, o uso de “nós” é mais recorrente. O fato de os informantes com mais escolaridade terem frequentado os bancos escolares por mais tempo e, conseqüentemente, terem sido expostos por mais tempo ao ensino gramatical, parece condicionar a realização do pronome-sujeito de primeira pessoa

do plural com mais ocorrências da variante-padrão “nós”, visto que a forma inovadora “a gente” é, ainda, em alguns casos, vista preconceituosamente como uma forma que só tem “permissão” para ser utilizada na oralidade.

Monteiro (1994) também se expressa a esse respeito:

A substituição de nós por a gente não atingiu na norma culta o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular. Enquanto nesta se acusa uma preferência geral de 69% para o uso do sujeito a gente, na norma culta se dá o contrário: a preferência é de 62% para o pronome nós. (MONTEIRO, 1994, p. 150)

Mesmo que todos esses resultados denotem tendência à implementação da forma inovadora “a gente” em lugar da forma conservadora “nós” na linguagem oral, vale lembrar que na linguagem escrita ainda impera o conservadorismo.

3. Considerações finais

Com esta análise pode-se perceber que as variantes “nós” e “a gente” concorrem na fala, dos entrevistados da cidade de Campo Grande, comunidade em estudo, tal como ocorre em todo país. Notou-se que a forma “a gente” é usada em detrimento do “nós” na posição de sujeito. Foi analisado que o uso do pronome “nós” aparece mais na fala dos informantes na faixa etária (31-50) do que das pessoas da faixa etária abaixo, demonstrando, com isso, que as pessoas mais idosas conservam mais a variante considerada como padrão do Português Brasileiro.

O estudo da alternância das formas nós/a gente mostrou que as formas de utilização desses pronomes é uma variação estável e que evidenciam uma relação de concordância de acordo com cada região, cultura, condição sócio econômica e cultural, distintamente. Todos os dados evidenciam através da entrevista e com as pesquisas realizadas em outras comunidades brasileiras, que o quadro pronominal do português tende a uma mudança devido a inserção da forma “a gente”. O que não quer dizer mudança linguística, mas, sim, uma variação estável do modo de expressar de cada região.

No que se refere à pesquisa do uso da variação “nós” e “a gente” na cidade de Campo Grande, vale ressaltar que se faz necessário ampliar os estudos para perceber como essa variação intensifica na fala dos campo-grandenses. Contudo, pode-se observar que, nesta comunidade, o uso

do “nós” e do “a gente” aparecem de modo significativo tal qual nos falares das demais regiões brasileiras.

Importante lembrar que, apesar de muitas pessoas entenderem que só existe uma forma correta de se expressar ou seja, que somente determinadas formas são consideradas do “bem falar”, há várias outras pesquisas com a visão variacionista que vem apontando para uma nova maneira de tratar a linguagem, oferecendo aos faladores, escritores, enfim, usuários da língua uma perspectiva mais dinâmica sobre o português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, [s.l.] v. 20, p. 59-81, 1988.

BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Olyssipone, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>>. Acesso em: 22-09-2015.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: University Press, 1985.

CALLOU, D.; LOPES, C. Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e da mudança linguística. João Pessoa. *Revista do GELNE*, vol. 5, nº. 1 e 2, 2003, p.63 - 74.

CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ASÍLIO, Margarida. (Orgs.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996, vol. 4, p. 79-166.

COELHO, R. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um

problema para a teoria de verificação de traços. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2001, p. 639-656.

D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.) *O português afro-brasileiro*. EDUFBA: Salvador, 2009. p. 331-371.

ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 40 (2): p. 1029-1044, maio/ago. 2011 1044.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a diversidade linguística no Brasil*, Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, p. 175-183.

FURTADO, I. *A variação no uso de a gente e nós*. [s./d.]. Disponível em:

<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasaslet ras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf>. Acesso em: 19-09-2015.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna*: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em:

<<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: 20-09-2016.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (Orgs.). *Gramática do português falado*: estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. vol. 4. p. 79-166.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania P., 1972.

LEITE, Cláudia Aline Zucchi; GUEDES, Izaildes Cândida de Oliveira; CARDOSO, Valéria Faria. Entre nós & a gente – o português brasileiro se afirma. *Ave Palavra – Revista Digital do Curso de Letras da UNEMAT – Campus de Alto Araguaia*, ed. 15, 2013. Disponível em:

<<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/15/artigos/claudiaizailde s.pdf>>.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral/ Fundação Ford, 1977.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998, p. 405-422.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*: per-

curso histórico. 1999. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: ____; _____. *O português afro-brasileiro*. Salvador: UFBA, 2009.

MACHADO, M. S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, vol. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. et al. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. p. 286-319.

PEREIRA, S. M. B. *Gramática comparada de a gente*: variação no Português europeu. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

Revista Ave Palavra <<http://www2.unemat.br/avepalavra>>.

RODRIGUES, A. C. S. *A concordância verbal no português popular em são paulo*. 1987. 189 f. Tese (Doutorado de Língua Portuguesa). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

RUBIO, Cássio Florêncio. “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 40, n. 2, p. 1029-1044, maio/ago. 2011. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v2_t46.ed6.pdf>.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA* – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1994.

TEYSSIER, P. *Manual de língua portuguesa* (Portugal-Brasil). Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

VIANNA, J. B. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, vol. 4, n. 1, p. 13-46, 2004.

_____; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, vol. 14, n. 28/29, p. 195-219, 2000.